

TEM QUE LER
PERSONA

A Operação Verão, na Baixada Santista, que teve início em dezembro do ano passado para combater o PCC na retomada de territórios dominados pelo crime organizado, virou a grande pedra no sapato do governo Tarcísio, instado a dar explicações diárias à imprensa sobre denúncias de abuso policial. A ação é a segunda mais letal da PM paulista desde o massacre do Carandiru, que deixou 111 mortos em 1992. A Secretaria de Segurança Pública do Estado informou que 56 pessoas morreram, mas dados do Ministério Público revelam, porém, que o número é de 77 mortes por policiais em serviço. Há relatos de moradores detalhando tortura, execuções sumárias, violações de direitos humanos e fraudes processuais.

Em março, ONGs levaram uma queixa formal ao Conselho de Direitos Humanos da ONU pelas denúncias, o que provocou uma reação mais agressiva de Tarcísio: "Pode ir na ONU, na Liga da Justiça, no raio que o parta, que eu não tô nem aí", disse para jornalistas, incomodado com as críticas ao trabalho policial e as afirmações de que ele e sua equipe buscam dividendos políticos com as operações. O governador avalia que há uma "romantização" por parte da imprensa e da população sobre o enfrentamento ao crime organizado. Chega a dizer que bandidos, muitas vezes, ganham o rótulo de "preto, pobre e trabalhador" apenas depois de serem mortos.

Em conversas reservadas, contudo, Tarcísio faz um mea-culpa. Admite que errou ao afirmar que não estava "nem aí". Pressionado, também tem tentado mostrar que não é omissos aos abusos cometidos pela polícia, que ele costuma classificar como "terrosos de procedimento" que tiram a razão da corporação. Neste mês, condenou publicamente a ação do PM que agrediu uma mulher no metrô, em São Paulo, e afastou. Também determinou o afastamento de policiais que agrediram um cadeirante em uma operação no início de abril, em Piracicaba (SP). O governador não verbalizou em público sua irritação, mas, nos bastidores, descreveu a ação policial como "horrorosa".

—A gente escorrega, eu escorrego. Naquela fala, perdi a paciência, perdi a cabeça — resumiu Tarcísio a um aliado.

Embora a última pesquisa Quast do início do mês tenha trazido boas notícias para Tarcísio (62% de aprovação contra 29% de desaprovção), os números por área de atuação revelam que não há apenas pontos fortes na sua administração. Entre sete áreas de atuação avaliadas, a segurança pública, tão marcada pela mudança na Baixada Santista, fica na penúltima posição com 23% de menções positivas, 36% regulares e 31% negativas. Apenas a saúde, espécie de Geni de qualquer gestão pública no país, foi pior analisada pelos eleitores (32% favoráveis).

Infraestrutura com 49% de avaliação positiva é o destaque da administração Tarcísio apontada pelo levantamento da Quast. É justamente nesta área que está a cartada do governador para ampliar o investimento em



O equilibrista. Tarcísio de Freitas acena para a público na Paulista ao lado do ex-presidente Jair Bolsonaro: governador aluso para arrefecer ânimos

A GENTE ESCORREGA, EU ESCORREGO. NA FALA ('TÔ NEM AÍ' PARA DENÚNCIA CONTRA PM), PERDI A CABEÇA



Diálogo. O governador paulista em um dos encontros com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva



saneamento básico: a privatização da Sabesp, companhia de água e esgoto do estado. Como qualquer entrada de capital privado em tradicionais estatais brasileiras desde os anos 90, está em curso uma novela de muitos capítulos para que o governo paulista devesse o controle absoluto da concessionária.

Na última quarta-feira, a 4ª Vara de Fazenda Pública determinou a suspensão da votação na Câmara Municipal para que a cidade de São Paulo aderisse à privatização enquanto não existisse um laudo de impacto orçamentário da operação. Mesmo com a Alesp já tendo autorizado a venda em dezembro passado, é preciso que os vereadores de cada um dos 375 municípios onde a empresa atua deliberem sobre o tema, o que deve se arrastar por meses.

A educação também tem sido bem vista pela população paulista com 42% de avaliação positiva, 34% regular e 23% negativa. Apesar dos índices, o secretário Renato Feder, que comandou a mesma pasta no governo de Ratinho Junior (PSD) no Paraná, está permanentemente em guerra com o sindicato dos professores de São Paulo, historicamente mais alinhado a partidos de esquerda. Na polémica de maior repercussão até agora, Feder teve que voltar atrás na proposta de adotar material 100% digital a partir do 6º ano do ensino fundamental. Na ocasião, o governo de São Paulo também decidiu retirar do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), o que gerou mais pressão negativa de educadores. "Vi que a decisão não era correta e recuei", admitiu depois.

Marteio batido. Lei do da EMAE, de água e energia, marcou primeira privatização da gestão Tarcísio.

Sub críticas. Governador ao lado de policiais: segurança e gargalo da gestão.

Um cavalo selado não passa duas vezes". O velho ditado tem sido usado por Tarcísio para resumir seu sentimento sobre se candidatar à Presidência em 2026. Esse ano, várias agências do governador tinham constado presidencial, como a viagem a Israel onde se encontrou com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Além disso, com Bolsonaro tornado inelegível pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o seu nome passou a aparecer como o mais lembrado na direita para a próxima corrida ao Planalto. Durante o ato de fevereiro na Paulista, um levantamento feito por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) expôs a preferência de 61% dos manifestantes pela candidatura de Tarcísio depois a pouco mais de dois anos. Em segundo lugar, figuraram as citações à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, com 19%.

Aliados e integrantes do governo descrevem o "cavalo selado" possível em três cenários: um pedido explícito de Bolsonaro para que o papilo concorra, Lula fora da disputa ou com grande reprovação nas pesquisas, fruto de uma economia indo de mal a pior e sem perspectiva de melhora. Hoje, Tarcísio avalia que a economia perderá fôlego até 2025, sem chances de recuperação. Considera o Lula 3 mais parecido com a era Dilma do que com os governos anteriores do petista.

No seu entorno, contudo, nem todos concordam com a projeção. Gilberto Kassab, por exemplo, é um dos que considera que Lula estará forte para se reeleger e, portanto, se opõe frontalmente ao projeto Tarcísio presidente em 2026. Há quem diga que o chefe do PSD atua em causa própria. Pelo plano, Kassab seria o vice em um segundo mandato de Tarcísio em São Paulo, viraria governador em abril de 2030 quando, aí sim, Tarcísio buscaria a Presidência, e concorreria se Bandidantes sentado na cadeira.

Por ora, Tarcísio deixa correr as especulações, varia o discurso conforme o interlocutor, mas deixa claro uma premissa: não quer trocar o que considera certo (uma reeleição) pelo duvidoso (um voto de qualquer jeito para impedir o quarto mandato de Lula).